

# Receitas por telefone: a crise da classe média chega ao consultório

Fotos de Ricardo Leoni

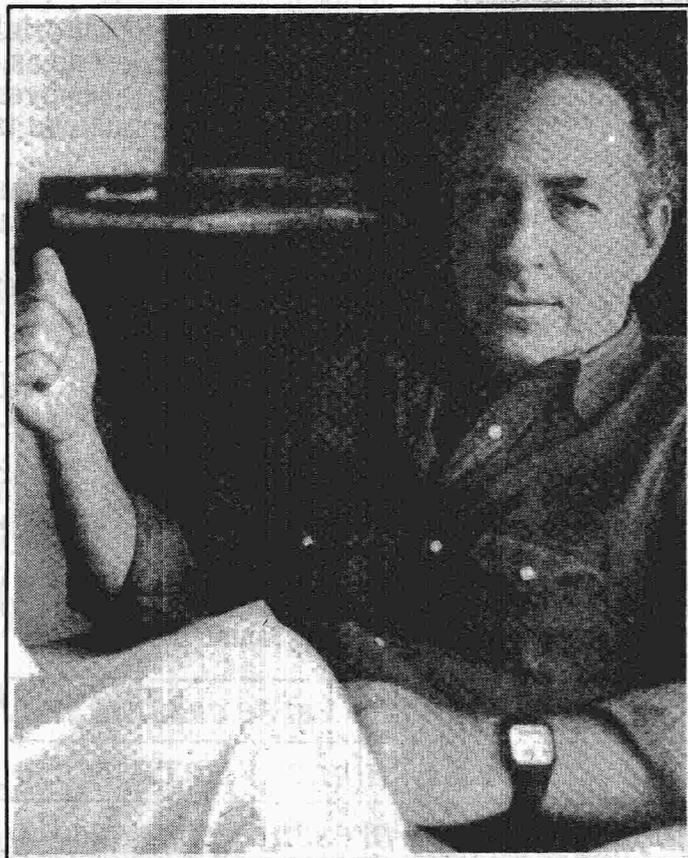
Sacrificada pela corrosão dos salários e pela perda do poder aquisitivo, a classe média não vai mais ao médico com a mesma frequência de antes. O cardiologista Munir Murad, de 52 anos, constata que 70 por cento da sua clientela prefere usar o telefone para uma consulta grátis a voltar à clínica e pagar Cr\$ 100 mil ou Cr\$ 150 mil ao seu médico de confiança. Segundo Murad, muitos pacientes estão morrendo porque não identificam as chamadas doenças silenciosas, como a hipertensão arterial, cujos sintomas só aparecem a olhos vistos quando o quadro já está grave.

A retração nos consultórios médicos particulares levanta algumas questões polêmicas, como a ética na fixação dos preços das consultas, o custo de manutenção dos aparelhos especializados, a eficácia dos convênios, ou ainda a própria competência médica, muitas vezes prejudicada pelo acúmulo de atendimentos. A opinião de alguns médicos e clientes aponta para um impasse: em vez de procurar um médico mais barato ou consultar-se no Inamps, a classe média protela o tratamento ou recorre à automedicação.

O Professor Aldo Batista e Silva, por exemplo, renda de 15 salários mínimos e quatro filhos, passou o título do clube, vendeu um dos dois carros que tinha, cancelou as férias em Campos do Jordão, deixou de dar presentes e orientou a mulher Dona Lia para evitar o quanto for possível a ida ao médico. Ressalta o professor:

— Só levo meus filhos ao médico se o assunto for grave. Se meu irmão é médico por que não pedir umas amostras grátis de vez em quando para dor de estômago, diarreia ou gripe?

O cardiologista Munir Murad — que tem clínica em Botafogo — conta que uma cliente voltou



**Com a crise, florescem homeopatas e os convênios em que a consulta não dura mais do que quatro minutos**

DR. CARLOS ACSELRAD

ao consultório cinco anos depois tomando os mesmos remédios receitados na última consulta. Felizmente, a mulher tinha saúde. Murad acrescenta:

— Muitas vezes fico sabendo de um paciente pelo obituário. Às vezes preciso deixar a metodologia e usar o bom senso clínico, a experiência. Tolero perfeitamente as consultas por telefone desde que sejam de clientes antigos, e não insisto quando sinto que eles querem esquivar-se dos exames mais caros, como a tomografia computadorizada,

que custa em média Cr\$ 1,5 milhão. Em geral, consigo um resultado satisfatório utilizando técnicas antigas como o eletrocardiograma e a radioscopia.

Por sua vez, o clínico geral José Veríssimo Júnior, de 40 anos, — clínica no Catumbi — diz que não é possível praticar uma medicina sem risco através de receitas por telefone. E observa:

— Não utilizo nenhum recurso para diminuir o ônus da retração. O máximo que eu faço é não cobrar uma segunda consulta quando a enfermidade persiste no cliente.



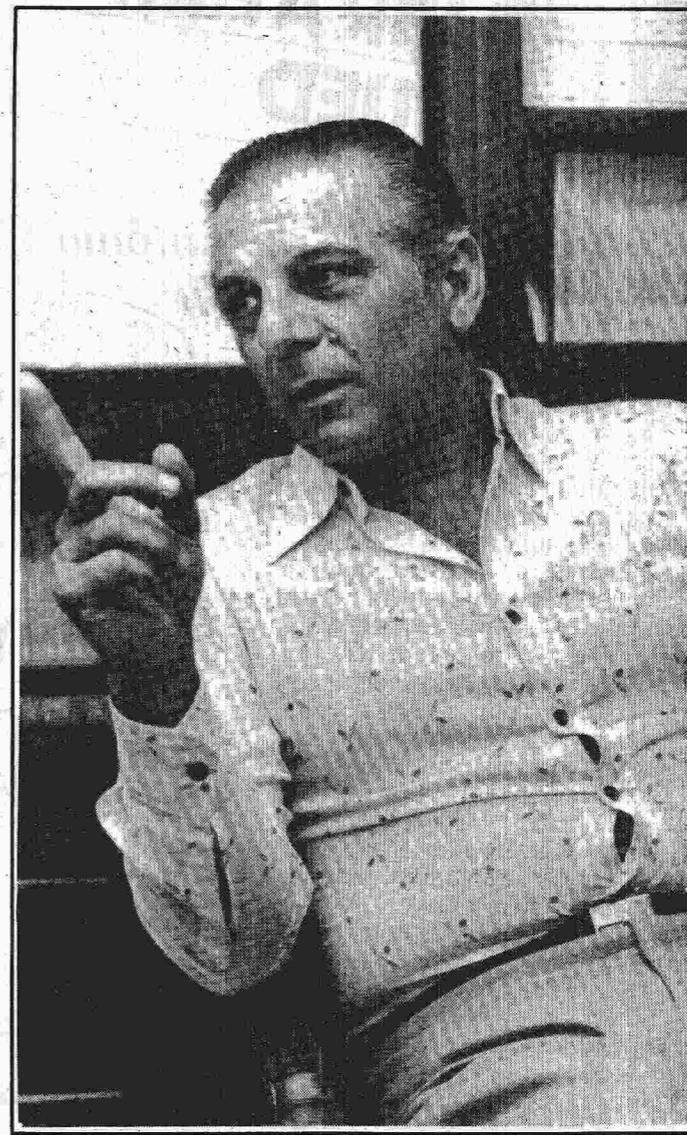
**É o mercado que determina o preço das consultas. Não podemos ter vergonha de viver como capitalistas**

CARLOS AUGUSTO RIBEIRO DA SILVA

Tosse noturna, febre, vômito, queimadura ou afta são pequenas perturbações infantis que há alguns anos, levavam os pais da criança semanalmente ao consultório do pediatra. Hoje em dia, segundo constata o pediatra Carlos Acselrad de 43 anos, os pais já pensam duas vezes:

— Registreí uma queda de 50 por cento na minha clientela nos últimos dois anos. Já estou pensando em voltar a tocar meu violino e largar a clínica.

Dr. Acselrad acusa os convênios e os homeopatas. Para ele,



**A automedicação aumenta o risco de doenças sem sintomas. Às vezes, só sei de meus pacientes pelo obituário**

DR. MUNIR MURAD

tanto uns quanto outros aproveitam-se da queda do poder aquisitivo da classe média para prosperarem.

Diz o pediatra:

— Respeito as convicções dos homeopatas, mas a sua propaganda é de que o método é simples, baratinho e natural, como nas farmácias do interior. E dizem que alopatia é veneno. A classe média, então, deixa-se seduzir, motivada pela solução barata. Hoje florescem homeopa-

tas formados em Paris e convênios que arrebanham médicos enforcados pelo estrangulamento do mercado e pela retração nos consultórios. Esses médicos atendem, pelo convênio, uma pessoa a cada quatro minutos quando na clínica atenderiam a mesma pessoa em uma hora e meia de consulta cuidadosa.

A Dra. Margareth Lucena — clínica em Copacabana — rebate as acusações do pediatra. Para a homeopata, não há uma luta entre as duas metodologias.